

A ambígua posição de Ulysses

Pela responsabilidade que tem hoje nos destinos da política brasileira, o deputado Ulysses Guimarães não poderá conservar a posição ambígua que tem manifestado em relação ao problema do mandato. O presidente do PMDB precisa de definir claramente se está a favor do mandato de cinco anos, como antes dos atritos entre o governo Sarney e o seu partido, ou se já evoluiu para aceitar como fatal a realização de eleições presidenciais em 15 de novembro deste ano.

De público, até agora, Ulysses afirmou ser contra qualquer discriminação ao atual Presidente da República. Isso significa dizer que defende para Sarney o mandato que foi deferido no texto constitucional permanente para os Presidentes da República, como norma geral. Se for quatro anos para todos, será quatro anos para Sarney; se for cinco anos, cinco anos também para o atual Presidente.

O presidente do PMDB, na intimidade, admite que a realização de eleições este ano é um anseio nacional. Também reconhece que o Governo Sarney se afastou consideravelmente do PMDB, abandonando qualquer compromisso com o programa partidário. Ele mesmo considerou prudente se afastar progressivamente do atual Presidente.

Quando da substituição do Sr. Anibal Tei-

xeira no Ministério do Planejamento, Sarney ligou para Ulysses Guimarães, a fim de comunicar que estava examinando o nome do futuro ministro. Cauteloso, Ulysses aconselhou o Presidente a se entender com o Governador de Minas Gerais, Newton Cardoso. Nos últimos tempos, já não se vê Ulysses com frequência no Palácio do Planalto, para aquelas análises conjuntas sobre a situação nacional que costumava fazer com Sarney.

Contudo, em conversas íntimas com alguns dos seus amigos, o presidente do PMDB reconhece procedência na inquietação do chamado grupo histórico, em face dos desgastes que o partido vem capitalizando em consequência dos compromissos com o atual Governo. Ulysses pede mais calma a seus companheiros, acenando com a hipótese de convocação de uma Convenção Nacional para depois de promulgada a nova Carta Constitucional.

Ulysses fala em decomposição moral, quando analisa as implicações da demissão de Anibal Teixeira da Seplan, sempre relacionadas com rumores sobre fatos que se passam em outros setores. O presidente do PMDB, que tem imensa responsabilidade com a transição, precisa anunciar ao País a sua posição em relação ao problema do mandato do atual Presidente da República.